

**Público**

Porto

11-03-2010

**Periodicidade:** Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 75000**Temática:** Economia**Dimensão:** 79**Imagem:** N/Cor**Página (s):** 24

## Precarização Crise económica pode agravar exploração das crianças

● A crise económica pode agravar as condições de exploração laboral das crianças, adverte o professor da Universidade do Minho (UM) Manuel Sarmento, podendo atrair os menores para as piores formas de trabalho infantil. O investigador não acredita, porém, que se esteja a assistir a um “regresso ao passado”.

“A precarização das condições de vida das famílias e o desemprego galopante pode levar as famílias a envolver os filhos na actividade produtiva, especialmente em áreas que estão nas margens da legalidade”, afirma. Este é um trabalho infantil diferente do que foi denunciado há 30 anos, já que as crianças trabalham no comércio e na restauração, e não na indústria, fazendo-o para lá do horário escolar.

O investigador, que coordenou um estudo sobre o trabalho infantil no Vale do Ave, entende que a pobreza extrema pode tornar os menores mais vulneráveis. Todos os relatórios internacionais referem que “estas situações contribuem para que as crianças sejam atraídas pelas piores formas de trabalho infantil, onde se incluem o tráfico e a prostituição”, afirma.

Manuel Sarmento refuta, no entanto, a hipótese de os dados revelados pela ACT mostrarem um regresso em força do trabalho infantil. “Hoje, existe uma consciência correctiva em relação à situação. Não acredito que haja uma reversão do trabalho que foi feito até aqui”, aponta, defendendo que, em Portugal, houve um progresso “muito grande” desde os anos 80 do século passado.

O professor explica que o trabalho infantil está delimitado geograficamente. “Os estudos que existem mostram que não é exactamente no distrito de Braga, mas em determinadas regiões específicas que isto acontece”, sublinha, destacando os casos dos vales do Cávado, Ave e Sousa, no distrito do Porto.

Este facto tem a ver com o tipo de indústrias dessas regiões, especialmente o têxtil e o calçado, que “não exigem elevadas qualificações e têm pouca incorporação de trabalho especializado, tornando a execução do trabalho relativamente acessível”, explica o investigador. Além disso, estas são regiões que vivem ainda um período de transformação produtiva, da agricultura para a indústria, onde a classe operária se mantém, simultaneamente, camponesa. **S.S.**